



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de batismo da Plataforma FPSO P50, da Petrobras**

Niterói-Rio de Janeiro, 23 de novembro de 2005

Meu caro companheiro Silas Rondeau, ministro de Minas e Energia,
Meu caro companheiro Luiz Marinho, ministro do Trabalho e Emprego,
Engenheira Solange Guedes, madrinha da Plataforma P50,
Deputados Carlos Santana e Jorge Bittar,
Senhor Godofredo Pinto, prefeito de Niterói,
Senhora Aparecida Panisset, prefeita de São Gonçalo,
Meu caro Lindberg, prefeito de Nova Iguaçu,
André Siciliano, de Paracambi,
Armando Carneiro, de Quissamã,
Artur Messias, de Mesquita,
Meu caro Carlos Busatto, prefeito de Itaguaí,
Paulo Dames, de Casimiro Abreu,

Meu caro José Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras. Já pensou se ele fosse prefeito da Petrobras? O montante de dinheiro que ele diz que tem para investir...

Meu caro Sérgio Machado, presidente da Transpetro,

Meus caros secretários de estado do Rio de Janeiro, representando a governadora, Rosinha Garotinho,

Meu caro Hélio Seidel, presidente da Federação Única dos Trabalhadores,

José de Oliveira Mascarenhas, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos,

Meu caro Feijóo, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC,



Meu caro Grana, presidente da Federação dos Metalúrgicos,
Deputado estadual Edmilson Valentim e Glauco Lopes,
Senhor João Carlos França de Lucas, presidente da Repsol,
Meus amigos, minhas amigas,
Empresários,
Trabalhadores,
Representantes de empresas de petróleo do mundo inteiro, que estão
aqui,
Representantes de estaleiros,
Meu caro presidente do estaleiro Mauá,
Representantes dos sindicatos de Barra do Piraí, Itaboraí, Niterói, Rio
de Janeiro e Volta Rodonda,
Meus amigos, minhas amigas,

Não tem discurso lido hoje, aqui, vou conversar um pouco com vocês.
Eu já perdi a conta das vezes em que eu vim ao Rio de Janeiro para discutir a
indústria naval. Eu penso que depois desta inauguração da P50, certamente eu
só poderei voltar ao Rio de Janeiro, para a indústria naval, na inauguração do
primeiro navio que a Petrobras está contratando ou, se não tiver nenhum
perigo, ir na plataforma quando ela estiver produzindo petróleo, a cento e
poucos quilômetros, em alto mar. Aí, o meu medo não é da plataforma, o meu
medo é do helicóptero até lá, porque a gente tem a ilusão de que, tendo terra
firme, a gente não corre risco. Mas, de qualquer forma, eu fiquei tentado a subir
naquela parte mais alta da plataforma, ali, não sei se terei coragem, mas
vamos ver se um dia eu sou convidado pela Petrobras.

Mas estou aqui também por motivo de orgulho pessoal. Orgulho
enquanto cidadão brasileiro, orgulho enquanto brasileiro, orgulho enquanto
presidente da República, orgulho enquanto metalúrgico, de ver que um país só
pode conquistar definitivamente a sua soberania se nesse país estiver



funcionando todas as melhores qualidades que ele possui, para que isso seja vantagem comparativa nas relações com o restante do mundo, nesse mundo globalizado.

E um país que chegou a construir uma indústria naval como nós já tínhamos construído, que tinha uma Marinha Mercante como a que nós tínhamos, que tinha a mão-de-obra qualificada como nós tínhamos, se quisesse ser um país com inserção soberana no mundo, jamais poderíamos ter deixado que essa indústria tivesse ido à bancarrota como foi, no final dos anos 80, no começo dos anos 80 e na década de 90, jamais.

Uma nação não é medida apenas pela sua extensão territorial, não é medida apenas pela quantidade de habitantes que existem naquela nação, não é medida apenas pelas riquezas naturais que possui. O maior valor de uma nação é a qualidade do seu povo, é a formação intelectual e profissional do seu povo. E eu duvido que algum país do mundo, um Estado que tivesse construído a indústria naval que nós chegamos a construir, com a mão-de-obra qualificada que nós tínhamos, eu duvido que algum governo sério, em qualquer país do mundo, pudesse permitir que essa indústria quebrasse, como quebrou a nossa indústria naval. A pretexto de quê? A pretexto de que o Brasil precisava entrar na globalização e ser moderno. Não era produzir navios e ter cargas brasileiras transportadas por navios brasileiros e ter, dentro dos navios, trabalhadores brasileiros e, mais ainda, ter num navio a bandeira brasileira hasteada, carregando o orgulho para todos nós.

Em nome da modernidade, preferiu-se ter navio de bandeira estrangeira, com trabalhadores, normalmente, de países mais pobres trabalhando quase que como escravos, sem direitos trabalhistas. Nós, em nome da dignidade deste país, em nome da dignidade do povo brasileiro, em nome da dignidade dos operários brasileiros e dos empresários brasileiros, resolvemos recuperar, num desafio que todos vocês conhecem a história, não precisamos mais falar.



Aliás, no Brasil, quando a criança é bonita, está cheio de pai, quando a criança é feia, não tem nem quem queira adotar. Eu não me importo com quantos ou quais são os responsáveis. Uma coisa eu posso dizer para vocês: se não fosse a disposição dos empresários, se não fosse a existência dessa mão-de-obra qualificada perdida pelas ruas do Rio de Janeiro, certamente, nenhum de nós estaria aqui. Quando o governo apostou é porque o governo sabia que tinha empresários e trabalhadores qualificados e a junção de trabalhadores com empresários, trabalhando em torno de um mesmo objetivo, só poderia resultar nessa extraordinária “P” que nós estamos vendo aí, que ainda é uma das que tem uma menor participação brasileira, porque ela já tinha sido contratada em 2002, em Cingapura.

Não temos nada contra fazer coisas em Cingapura, nada. Aliás, não temos absolutamente nada, mas acontece que nós somos um país de 186 milhões de brasileiros, dos quais metade em condições de trabalhar, e da mesma forma que o governo de Cingapura se preocupa em gerar empregos para o povo de Cingapura, nós temos que nos preocupar em gerar um pouco de emprego no Brasil e, certamente, os empresários estrangeiros que estão aqui sabem, sem nenhuma falta de modéstia, que tem poucos lugares no mundo em que os trabalhadores têm a criatividade e a capacidade que têm os trabalhadores brasileiros.

Então, José Sérgio Gabrielli, companheiro ministro Silas, Sérgio Machado, empresários, eu penso que a missão de provar que nós temos competência de fazer as coisas aqui está consagrada. Na verdade, eu gostaria de ter vindo aqui quando ela fosse zarpar, andar pelo menos uns 30 metros aí e, depois, pular lá de cima num mergulho e sair a nado para fazer inveja para a imprensa, mas não foi possível porque acharam que era perigoso, acharam que eu podia não chegar vivo na água. Não tem problema.

Acho que este ato de hoje é mais do que a inauguração da P-50, eu acho que é o cumprimento de uma missão que vocês trabalhadores,



empresários e todos nós assumimos com a nossa consciência e com o nosso Brasil.

Portanto, eu poderia dizer que, no caso da indústria naval, tanto os empresários quanto os trabalhadores têm todo o direito de continuar reivindicando e reclamando coisas mas, pelo amor de Deus, o passo que nós demos foi fantasticamente extraordinário, não apenas produzimos navios e plataformas, como estamos dispostos a disputar concorrências internacionais com aqueles que, um dia, pensaram que nós não tínhamos competência para produzir essas coisas lá fora.

Agora, é importante lembrar que um país, para que tenha sustentabilidade no seu crescimento econômico e possa, por um período longo, gerar possibilidades e oportunidades para todo mundo, este país tem que oferecer as coisas que a atividade econômica exige que sejam oferecidas. Esses dias, eu fui com o ministro Silas à cidade de Assis, em São Paulo, inaugurar uma linha de transmissão entre Londrina e Araraquara em São Paulo, uma linha de transmissão capaz de transportar 1.800 megawatts de energia numa região que cresce muito no interior paulista e no interior do estado do Paraná. Lá, o Silas me deu um número que eu achei demasiado, que eu quero citar para vocês, primeiro, porque a energia é base central para que a gente convença alguém a investir num país.

Qualquer um de nós aqui – pode ter os olhos verdes, os olhos castanhos, pode ter a cor que for – não convencerá nenhum empresário brasileiro ou de qualquer lugar do mundo a fazer investimento naquele país se não oferecer para ele três coisas: infra-estrutura, mão-de-obra qualificada e mercado para o consumo daquele produto. Sem esses três quesitos, é só conversa fiada. E a energia dentro da infra-estrutura é a base para que uma máquina comece a funcionar.

Nós fomos inaugurar porque nós não queremos que o Brasil tenha mais apagão, porque os trabalhadores estão lembrados, o apagão foi ingrato



conosco muitas vezes. Ele foi ingrato porque tivemos que fazer uma economia na casa da gente. A gente chegava em casa e a mulher tinha guardado a televisão, guardado o liquidificador, guardado a geladeira, para que a gente não ligasse. Então, nós tivemos alguns meses em que a gente teve a nossa alegria frustrada. Bom, então todo mundo falou: “o trabalhador, o povo brasileiro foi prejudicado porque faltou energia, ele teve que conter o consumo dele”. Agora, quando se tentou resolver o problema, e nós achávamos: “o Brasil vai voltar à normalidade” o que aconteceu? É que jogaram para as costas de quem tinha economizado o pagamento do prejuízo que uma empresa teve por uma energia que ela não nos ofereceu, foi o pior do mundo. Eu não usei, portanto eu deveria processar a empresa que tinha que levar energia lá em casa, não processei, e depois o Estado, de forma muito amigável, com muita condescendência diz para a empresa: “vocês não perderam nada, o povo trabalhador tem mais é que pagar isso mesmo”. E jogaram na nossa conta o pagamento de uma energia que nós não tínhamos consumido. Veja que coisa: a gente já xinga todo mundo quando a gente paga a que a gente consome, imagine pagar a que a gente não consumiu.

Pois bem, então nós fomos inaugurar uma linha de transmissão porque nós estamos interligando todo o sistema elétrico brasileiro, e por que estamos interligando? Porque quando houve o apagão nós tínhamos energia de sobra no Sul do país, estava chovendo demais, tinha muita água. Mas a gente não tinha como transportar a energia de lá para cá. Então, o que nós estamos fazendo? Nós estamos interligando todo o sistema para, quando tiver excesso de água no Nordeste e tiver pouca água no Sul do país, você poder transportar energia do Nordeste para cá. Quando tiver excesso de água no Sul ou no Sudeste e tiver falta no Centro-Oeste, você transfere para lá, tentando fazer uma certa justiça na transmissão de energia para o conjunto do território nacional. Nós estamos fazendo um leilão e, com o leilão que vamos fazer agora, nós vamos contratar até 2007, independentemente de quem seja o



governo que vier depois de mim, as obras já estão contratadas, já estarão funcionando, portanto, elas vão ter que terminar, e o que estará acontecendo? Nós estaremos totalizando praticamente 15 mil quilômetros de linha de transmissão.

O que assustou as pessoas, até o meu amigo Jânio de Freitas escreveu um artigo fazendo críticas sem entender o que eu tinha falado, foi o seguinte: nós estamos, em apenas cinco anos, fazendo 21% das linhas de transmissão de tudo que foi construído em 122 anos, e isso é graças à compreensão dos nossos ministros, do Silas, da Dilma, dos nossos engenheiros, porque uma coisa que eu aprendi a respeitar é que o Estado brasileiro tem profissionais da mais alta qualidade, não é qualquer empresa no mundo que tem os quadros que tem a Petrobras, não é qualquer empresa do mundo que tem os quadros que tem o BNDES, a Eletronorte, a Eletrobrás, não é. Mas, durante um determinado tempo, em nome da modernidade e em nome da globalização, nós aprendemos e os trabalhadores aprenderam, porque éramos emprenhados todo dia, de que eram todos marajás, que nós tínhamos que mandar todo mundo embora e tínhamos que pagar pouco. Por isso, hoje, você tem funcionário da mais alta qualificação na Receita Federal, que é obrigado a arrecadar bilhões e bilhões, ganhando 6 mil reais. E esse cidadão, no dia em que deixar a Receita Federal e for trabalhar na iniciativa privada, vai ganhar 30, 40, 50 mil reais.

Então, nós aprendemos também que a qualificação dos profissionais que restaram na máquina pública brasileira são responsáveis por grande parte das coisas boas que acontecem neste país. Lamentavelmente, no Brasil, toda vez que a gente quer dizer que alguém ganha muito, a gente compara com o salário mínimo. E o salário mínimo é sempre muito pouco, porque no mundo inteiro o mínimo é mínimo. Nós devemos comparar o salário de um profissional é pela sua formação profissional, pela importância do que ele faz e pelo resultado do que ele produz. Vejam se os grandes jornais liberam os seus



grandes jornalistas! Vejam se as grandes empresas liberam os seus profissionais! Mas, muitas vezes, fomos induzidos a achar que os funcionários tinham que ser mal remunerados porque senão eles seriam marajás. Afinal de contas, alguém foi eleito neste país um dia dizendo que ia caçar marajá. Todo mundo sabe o que significa uma frase de efeito neste país.

Então, nós conseguimos fazer essa questão da (inaudível). Vejam, a combinação da indústria naval com a boa combinação na questão da eletrificação deste país e, ao mesmo tempo, com a boa combinação, com a formação profissional – Mascarenhas, fiquei atento à sua reivindicação aqui. Eu não sabia que o Senai, aqui, era pago. Mas, de qualquer forma nós vamos ter que resolver isso, porque se tem uma coisa que o Brasil tem que compreender, de uma vez por todas, é que sem formação profissional e sem educação nós perderemos a competitividade, nós perderemos a disputa e nós não chegaremos a lugar nenhum.

Mas vai ter muita novidade na área da educação. Esperem que vai ter muita novidade na área da educação, porque eu estou convencido que será na nossa formação profissional, e vou contar uma história para vocês. O Brasil, toda vez que tem uma coisa que não funciona, a gente piora em nome da melhora. Quando os professores do ensino fundamental reclamavam das condições de trabalho, ao invés de melhorar as condições de trabalho deles, reduzia-se o tempo de aposentadoria, quando se deveria ter atacado na fonte o problema das condições de trabalho.

Depois apareceu aqui, as crianças começaram a repetir o ano, muita criança repetindo o ano. Então, o que se fez no Brasil? Não vamos dar mais prova, é uma coisa automática, é ensino continuado, ou seja, o professor entra na sala de aula – Godofredo, você é professor não é? – dá uma aula, tagarela, fala, fala. Não tem um momento para perguntar para o aluno: “escuta aqui, você aprendeu o que eu falei?” Porque tem uma história que é o seguinte: se alguém fala uma coisa para você e você não entende, você pode não ser tão



inteligente. Se alguém fala a segunda vez e você não entende, você pode continuar não inteligente. Mas se na terceira vez a pessoa falar e você não entender, quem não é inteligente é quem está falando, porque não é possível não se preocupar se as pessoas estão compreendendo ou não.

E, no Brasil, nós estamos com um problema. Nós, este mês, estamos fazendo provas para cinco milhões de crianças da 4ª e da 8ª séries, porque nós queremos medir a qualidade do ensino que essas crianças estão tendo dentro da sala de aula. Estamos querendo medir. E não tem coisa melhor para medir do que, de vez em quando, você fazer um teste com as crianças para saber se elas aprenderam. Porque quem é que disse que o Godofredo entra na sala de aula – você era professor de quê? Matemática – e fala, e fala. Se ele não parar e falar: “escuta aqui, todo mundo entendeu o que eu falei?” Se ele não parar, no dia seguinte as crianças vão acumulando um desaprendizado, aí chega no final do ano e não passam. Aí você quer medir se ele está qualificado quando chega na universidade, aí é muito mais difícil, não é Lindberg? Muito mais difícil.

Então, nós estamos preparando, o Fundeb já está no Congresso Nacional. Eu estou pedindo a Deus que o Congresso Nacional aprove o Fundeb, o ProUni já teve 112 mil vagas este ano, das quais 38 mil para afrodescendentes. Acho que não tem exemplo na história deste país, em que num único ano 38 mil afrodescendentes entraram na universidade brasileira, agora já teve o Enem, participaram 3 milhões de jovens, nós vamos ver quantas vagas vamos ter porque acho que vão entrar mais uns 100, quem sabe um pouco mais, e nós queremos, em quatro anos, ver se chegamos a 470 mil novos jovens na universidade brasileira.

Estamos fazendo mais quatro universidades novas, fazendo extensões e Nova Iguaçu é a demonstração de que a coisa é para valer. Estamos levando as universidades federais para o interior do país, para tirar da capital e levar um braço...não é tirar a universidade, é tirar cursos para a gente fazer extensão



dela em cidades pequenas. E vamos fazer, Mascarenhas, 32 escolas técnicas espalhadas pelas várias regiões do país para que a gente melhor qualifique.

Tudo isso que estamos fazendo é porque nós temos a convicção de que a Europa ganhou parte do século XIX e ganhou parte do século XX e depois perdeu com a guerra mas, mesmo assim, se recuperou, e que os Estados Unidos se transformaram numa grande Nação no século XX. Ora, se o Brasil era um país colonizado no século XIX, se o Brasil era um país pobre no século XX, por que nós não assumimos o desafio, olhando na cara dos nossos filhos todo santo dia, olhando na cara da nossa mulher, do nosso pai, da nossa mãe, por que não assumimos o compromisso enquanto nação, enquanto nossa geração de dizer para nós mesmos, que o século XXI será o século do Brasil e nós não vamos perder a oportunidade?

Aí, companheiros trabalhadores, entra uma coisa muito séria. Está chegando o ano de campanha, vocês estão vendo que tem gente mais nervosa, menos nervosa, vocês estão percebendo que as coisas já estão na rua. Eu quero dizer para vocês que quando a gente assume a Presidência da República, você é tomado de uma responsabilidade que você nem pensava que tinha, e eu sei que tem muita gente que vende facilidade: “o Brasil poderia estar crescendo 10%”, “o Brasil poderia estar crescendo isso”, “o superávit poderia ser aquilo”, “o juro poderia ser aquilo”, porque na teoria cabe tudo. A diferença básica é que quando você vira governo, você sai da era do “eu acho” para a era do “eu faço”, você vai poder fazer em função das condições que você tem.

Eu desafio os empresários, os estudiosos, a me mostrarem em qual momento histórico o Brasil teve uma conjunção de fatores positivos como tem hoje. Em que momento a gente combinou o crescimento de exportação com o crescimento do mercado interno? Em que momento a gente combinou o crescimento da exportação com o crescimento da importação? Em que momento a gente combinou crescimento econômico com inflação baixa neste



país? Toda vez que o Brasil cresceu, a inflação foi para dois dígitos. Nós estamos crescendo e a inflação está a 5%.

A questão da inflação no Brasil também é uma questão cultural. Tem gente que, na hora que começa a vender um pouco mais, aumenta logo o preço quando deveria baixar. E nós estamos percebendo o quê? Nós estamos percebendo que nós estamos fazendo um jogo em que a combinação está ficando muito boa, que 2006 será um ano muito melhor, que vai ter mais empregos.

Eu vou dar um dado que o Marinho me deu agora, porque tem gente que fica nervosa quando eu digo isso, sabem por quê? Porque quando eu fui eleito eles apostavam no fracasso: “esse metalúrgico ser Presidente da República? O cara, quando muito, tem que ser torneiro e nunca presidente da República”. Pois bem, eles ficam doidos quando eu falo isso, mas eu vou falar o que eles não gostam que eu fale, eu gosto de falar. Nós tivemos um problema de desemprego no Brasil, crônico. Aqui tem vários dirigentes sindicais, do final da década de 90 e do começo do ano 2000. Pois bem, em oito anos – eu já disse isso aqui outra vez, não para os mesmos operários – em oito anos, de 1994 a 2002, a média mensal de geração de empregos, medindo pelo Caged, que é a diferença entre os trabalhadores admitidos e os trabalhadores demitidos, sobra um saldo negativo ou positivo. O saldo positivo, no governo passado, foi de 8 mil por mês, em oito anos. Nos nossos 35 meses, o saldo positivo mensal é de 108 mil novos empregos com carteira profissional assinada.

O setor metalúrgico, que nos últimos 20 anos tinha perdido quase 1 milhão e meio de trabalhadores, nesses 36 meses já recuperamos aproximadamente 300 mil postos de trabalho na indústria metalúrgica brasileira. E vocês são exemplo.

Eu fico olhando na cara de você o orgulho. E não tem nada mais sagrado para um pai de família do que levar para casa o que comer, com o seu salário. A gente não tem preguiça de levantar de manhã, a gente não tem



problema com chuva, a gente não tem problema. É sagrado chegar no final do mês, mesmo que xingando o nosso patrão porque não pagou o tanto que a gente acha que merecia, mesmo xingando o sindicato porque não reivindicou o que devia, mas a gente chegar em casa, pegar a mulher da gente, os filhos e ir no supermercado comprar o que comer, é uma coisa sagrada que nenhum de nós, e somente quem já trabalhou e vive do trabalho sabe o que é o direito sagrado de trabalhar. É por isso que nós apostamos nisso.

Mas aí alguém fala: “não, mas esses números do Marinho estão errados, esse Marinho é da CUT, esse cara está errado.” Isso não tem erro, isso é uma conta aritmética. Você pega o que entrou, o que saiu e você vai ter a diferença, ou negativa ou positiva. Mas aí, porque como tem muita gente que faz promessa fácil, eu vou dar um outro dado para vocês, importante para os trabalhadores. Nos oito anos passados, antes do nosso governo, o saldo do Fundo de Garantia foi um saldo de 9 bilhões de reais. Em oito anos, o saldo positivo do Fundo de Garantia foi de 9 bilhões de reais. A prova maior que o emprego está acontecendo é que, em 34 meses, o nosso saldo do Fundo de Garantia é de apenas 15 bilhões de reais, ou seja, esse é o dado que mostra claramente que a economia brasileira está se recuperando, esse é o dado concreto. Porque eu sou daqueles que entende que nós precisamos, uma vez na vida, construir no Brasil um modelo sólido em que a gente, mesmo que não cresça tudo aquilo que a gente queria crescer, que a gente consiga crescer de forma sistêmica por 10, 15 anos seguidos, para que a gente saia do *rol* dos países em vias de desenvolvimento e se transforme num país definitivamente em desenvolvimento.

Por isso, meus companheiros e companheiras, eu fiz questão de vir aqui com vocês. Ontem, eu tive uma reunião com dois mil trabalhadores rurais. E aqui quem tiver parente no campo, telefone e pergunte o que está acontecendo no campo, no Brasil. Na agricultura familiar, quando nós pegamos o governo, nós tínhamos 2 bilhões e 200 milhões de dólares liberados. No nosso terceiro



ano já liberamos 6 bilhões e 200 milhões. E para este ano, se Deus quiser, em julho, nós vamos chegar a 9 bilhões de reais, fazendo com que o homem encontre no campo condições de sobreviver, ele e sua família.

Por isso, eu quero dizer aos trabalhadores aqui presentes, aos que estão de macacão e aos que não estão de macacão. Quero dizer para vocês que só tem sentido a vida de um homem público, se no dia em que terminar o seu mandato, ele puder medir a sua passagem pelo governo e ele puder ter certeza de que tem mais gente trabalhando, de que tem mais gente ganhando dinheiro, de que tem mais gente consumindo e de que os nossos filhos terão um futuro melhor do que aquele que nós herdamos dos nossos pais.

Estou aqui feliz da vida. Feliz, porque há muito tempo atrás eu vim aqui, em 1979, fazer campanha sindical e já tinha desemprego. Depois, na década de 90 eu fui no estaleiro Verolme, lá em Angra dos Reis e sabia do desemprego, encontrava trabalhador fazendo qualquer coisa. O que se faz na vida? Eu era metalúrgico, eu era do estaleiro. Todo mundo falava: “em Angra dos Reis era assim”. Hoje, quando você vai lá, você vê com orgulho o cidadão voltando a utilizar o macacão. E só sabe o orgulho que dá vestir o macacão da gente, quem sabe o que é o valor do trabalho.

Eu quero dizer a vocês, metalúrgicos, a vocês trabalhadores da Petrobras, à Direção da Petrobras, todos vocês: olhem, um país que se respeita, um país que se preza e um país que tem projeto de futuro, não pode, em hipótese alguma, deixar de acreditar que são vocês a razão maior pela qual um país precisa e deve ter governo. Não se preocupem com as coisas que saem, os denunciamentos, as brigas, não se preocupem, isso atormenta, perturba todo mundo. Agora, de uma coisa estejam certos... quero falar para vocês como falaria para o meu filho: não haverá nenhum momento em que a eleição me faça mudar a trajetória que nós traçamos para este país.

Eu demorei muito para ganhar as eleições e quando eu ganhei as eleições eu não pensei no meu mandato, eu estou pensando é na geração dos



meus filhos e dos meus netos. E, portanto, se alguém quiser não ser sério, que não seja, nós vamos continuar fazendo as coisas que estamos fazendo, porque estamos convencidos de que estamos no caminho certo.

Muito obrigado, boa sorte e que Deus abençoe a todos vocês.